

A ameaça da leishmaniose

GIZELLA RODRIGUES
E GUILHERME GOULART

DA EQUIPE DO CORREIO

Lixo acumulado nas ruas, falta de saneamento básico, cães doentes e higiene precária. A região onde surgiram os primeiros casos de leishmaniose no Distrito Federal não é a única que reúne condições favoráveis ao avanço da doença, Sobradinho II. Lá, na Vila Rabelo II, uma menina de 6 anos morreu (leia matéria na página 28) e outras quatro pessoas ficaram doentes. Desde setembro do ano passado, a Secretaria de Saúde monitora sete cidades. Mas teme que a enfermidade se espalhe pelas demais regiões administrativas e o trabalho será ampliado, a partir de hoje, para todo o Distrito Federal — onde nunca havia sido registrado um caso de leishmaniose.

A preocupação do governo se justifica na classificação dada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) à doença. O órgão considera a leishmaniose uma das principais zoonoses mundiais, que ocorre em 88 países de quatro continentes. No Brasil, uma média de 4.450 pessoas contraem leishmaniose todos os anos, de acordo com dados do Ministério da Saúde levantados entre 2000 e 2005. Até outubro deste ano, 2.986 brasileiros ficaram doentes. Entre 2004 e 2005, foram informadas 525 mortes.

No DF, as pesquisas feitas até agora pela Secretaria de Saúde alcançaram São Sebastião, Planaltina, Gama, Ceilândia, Sobradinho II e as invasões da Estrutural e Itapoã. Por enquanto, os agentes constataram a presença do mosquito-palha, transmissor da leishmaniose, e de cães infectados pelo protozoário *Leishmania* nos 16 aglomerados urbanos de Sobradinho II. Na Estrutural e no Itapoã, os agentes coletaram sangue dos cães, mas nenhum tinha a doença. Nas outras áreas, eles procuraram pela presença do mosquito-palha, mas não o identificaram.

Descaso

Apesar da concentração de casos em Sobradinho II, o trabalho será estendido para mais cidades. “Um cão pode sair infectado de Sobradinho e ir para a Ceilândia, com a mudança de seu dono, por exemplo. O animal será inserido em um ambiente que pode ter o mosquito, mas até então não estava infectado. A contaminação pode começar assim”, diz o gerente de Controle de Zoonoses da Vigilância Ambiental da Secretaria de Saúde, Rodrigo Barreto.

Ele explica que o objetivo é estudar todo o DF, mas justifica que a tarefa é demorada. Segundo

ARMADILHAS LUMINOSAS

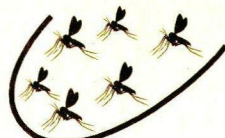
A partir de segunda-feira, os agentes comunitários de saúde estarão na Vila Rabelo II, em Sobradinho II, para capturar, exterminar e identificar os mosquitos contaminados com o protozoário *Leishmania*, responsável pela transmissão da leishmaniose aos mamíferos. A região é a única da capital do país que registrou casos da doença. Um criança de 6 anos morreu na última quinta-feira

Além de borrifar veneno nas paredes das residências, os agentes de saúde trabalharão com um recurso diferente para prender os mosquitos:



1 A espécie de armadilha luminosa emite flashes de luz e atrai os insetos. O equipamento também ficará próximo a lugares úmidos, sombreados e com matéria orgânica em decomposição. Esses ambientes são propícios para a reprodução de mosquitos como os do gênero *Lutzomyia longipalpis*, entre eles o mosquito-palha.

2 Ao se aproximarem da fonte de luz, um ventilador os suga para dentro de um recipiente onde ficam armazenados



3 O equipamento fica ligado entre o entardecer e o amanhecer do dia seguinte. Os dois horários são os preferidos das fêmeas do inseto, as únicas que atacam animais em busca de proteínas presentes no sangue dos mamíferos. Os machos se alimentam das seivas das plantas



4 Os agentes recolhem os mosquitos pela manhã. De acordo com a quantidade encontrada na caixa, é possível calcular a densidade populacional dos insetos na região e, assim, programar a desinsetização das casas



Transmissão

1 A leishmaniose visceral ou Calazar é uma doença provocada por um protozoário, transmitida para o homem por meio de picadas de mosquitos específicos (*Lutzomyia longipalpis*)

2 O inseto se contamina ao entrar em contato com o sangue de canídeos (cães e lobos), roedores silvestres e gatos (mais raro) infectados.



3 Em seguida, o inseto pica o ser humano e o contamina

Tratamento

É essencial que o diagnóstico seja rápido. A doença é tratada com medicamentos antiparasitários

Como prevenir

É muito comum adotar-se ações de controle vetorial com uso de inseticidas, extermínio de cães e outros animais contaminados, além de medidas domésticas como o uso de mosquiteiros e telas de proteção



Afeta o baço e o fígado, provocando o mau funcionamento desses órgãos, depois de inflamações agudas. Causa anemia, febre, dores e vômitos. Pode ser fatal se não for tratada

Sintomas

A leishmaniose visceral é difícil de ser diagnosticada porque os sintomas se parecem com os de outras doenças tropicais, como malária

Arte: Anderson Araújo/Valdo Virgo/Especial para o CB

Barreto, é preciso estudar as áreas que podem ter o mosquito, montar armadilhas luminosas (veja arte) e capturá-los. O processo leva pelo menos três dias. Caso se constate a existência do inseto, começa o combate à doença, que inclui a desinsetização das casas da região, a coleta de sangue dos cães e a conscientização da comunidade. “Temos que conscientizar a comunidade para não jogar lixo na rua e manter quintais, galinheiros e chiqueiros limpos. No meio da matéria orgânica em decomposição, os insetos encontram condições ideais para reproduzirem-se”, explica.

Na Vila Rabelo II — onde morava a única pessoa que morreu por causa da doença no DF, a menina Renata Santos —, os moradores estão assustados. Reclamam da precária coleta de lixo. O caminhão só passa na cidade

UM CÃO PODE SAIR INFECTADO DE SOBRADINHO E IR PARA A CEILÂNDIA. O ANIMAL SERÁ INSERIDO EM UM AMBIENTE QUE PODE TER O MOSQUITO

Rodrigo Barreto,
da Zoonoses

duas vezes por semana e, mesmo assim, não entra em todas as ruas. Assim, quem mora nas quadras mais afastadas precisa levar os sacos de lixo até a avenida principal. “O lixo fica amontoado na rua e, quando os lixeiros passam muitos sacos se rasgam e ficam restos

pelo chão. Podiam colocar pelo menos um contêiner na rua”, reclama o presidente da Associação de Moradores da Vila Rabelo, Rocialdo Marques.

Os líderes comunitários reconhecem que, além da falta de uma coleta adequada, moradores despejam o lixo nas portas das casas e esquinas. Além disso, as residências que margeiam o cerrado usam os barrancos como depósitos de resíduos domésticos.

O Serviço de A Jardinamento e Limpeza do DF (Belacap) foi procurado pela reportagem para comentar as reclamações dos moradores, mas o superintendente de Operações e Fiscalização do órgão, Expedito Apolinário, não atendeu o telefone celular.

LEIA MAIS SOBRE SAÚDE NA

PÁGINA 28

OS DRAMAS

Fotos: Kleber Lima/CB



Vida de dor e medo

Desde quinta-feira da semana passada, Maria do Perpétuo Socorro Veríssimo dos Santos, 34 anos, não entra na casa onde morava com a pequena Renata, 6, e os outros quatro filhos de 15, 13, 11 e 9 anos. Ela diz que tudo no local lembra a filha e, por isso, tem passado os dias na casa dos sogros, também na Vila Rabelo II. “Só entro em casa para pegar roupa. A convivência sem a Renata está muito difícil. Quando eu fico lá, é como se eu tivesse vendo minha filha o tempo todo”, conta a mãe.

Mas Maria do Perpétuo Socorro não está satisfeita com a mudança temporária de apenas algumas quadras. A vontade da piauiense é voltar para a cidade natal, Cristiano Castro (PI), e morar com o pai. O desejo tem dois motivos: além da falta que a filha faz, ela tem medo da leishmaniose. “Isso aqui está terrível. Estamos todos com medo dessa doença que matou minha filha. Não quero que aconteça com os outros (filhos) o que aconteceu com ela”, diz.

Por enquanto, a mulher está dividida. Apesar da preocupação, ela não quer deixar para trás a casa que comprou há três anos com tanto esforço e a família do marido, pai do filho que ela espera há oito meses. “Não posso afastar meu bebê da família dele. E também não quero largar minha casa, que ainda estou pagando.” (GR)

Caso de cura na Vila

A agonia da família da dona-de-casa Maria de Fátima, 51 anos, durou 30 dias. Esse foi o tempo que a netinha dela, de apenas 3 anos, ficou internada por causa da leishmaniose visceral. A menina foi uma das cinco vítimas da doença no DF e a família dela chegou a pensar que ela não se recuperaria. “Ela tinha febre o tempo todo e vomitava muito. Graças a Deus tivemos um cuidado especial e nada de ruim aconteceu”, diz.

A recuperação da neta não livrou a dona-de-casa da preocupação. Ela reclama que as condições de miséria ainda são as mesmas na Vila Rabelo II e teme que outras crianças fiquem doentes. “Os cachorros ficam soltos o tempo todo, ficam doentes e brincam com as crianças. O lixo continua espalhado e as ruas estão nessa sujeira. Enquanto não morrerem mais pessoas, não vão tomar uma providência”, queixa-se. (GR)

